

NEWS

O aparelho de que nos esquecemos

Retrato de uma caixa que trabalha na sombra.

1 de setembro de 2026, Tobias Engl



É pouco maior do que um livro de bolso e não tem nada de especial à vista. Uma caixa preta, mate, sem ventoinha, sem luzes a piscar, com algumas entradas na parte de trás. Normalmente fica no armário por baixo do ecrã ou encaixada atrás dele, na parede. Quem entra na sala nunca a vê.

E, no entanto, sustenta tudo. O que aparece no ecrã vem daqui: a ementa, a senha de espera, o texto da sala, a saudação traduzida. O aparelho faz os cálculos por si próprio, no local, sem o desvio por uma nuvem distante. Se a internet falhar, o ecrã continua a funcionar, porque aquilo que mostra já está em casa.

É frugal. Consome tão pouca energia que, no verão, mal aquece ao toque, e funciona anos sem que ninguém lhe mexa. Não há forma de lhe impingir nada. No arranque verifica o seu próprio software e o que não estiver assinado não carrega. Mantém-se afastado dos grandes recoletores de dados, porque no seu sistema não há nada que envie dados para fora.

Na ScreenWay, esta caixa tem um nome: Media Player. Um computador que diz pouco e aguenta muito. Guarda o que um lugar sabe e transmite-o aos ecrãs, na língua que for precisa no momento. Alguns destes aparelhos até falam: traduzem e leem em voz alta, e também isso acontece dentro do aparelho, a um metro de quem está a ver.

O maior elogio que se pode fazer a um aparelho destes é ninguém falar dele. Nenhuma chamada, nenhuma avaria, nenhum nome mencionado na casa. Faz o seu trabalho em silêncio e desaparece da consciência de quem depende dele. Um aparelho de que nos esquecemos é um aparelho que aguenta.